

MINEIROS: A INCOMPATIBILIDADE ENTRE A PRÁTICA DA MINERAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DA VIDA

MINEIROS: THE INCOMPATIBILITY BETWEEN THE MINING PRACTICE AND THE LIFE DEVELOPMENT

José Márcio de Oliveira Lara / UFMG

RESUMO

A partir de eventos traumáticos, desencadeados pela indústria extrativista em Minas Gerais, este artigo propõe uma reflexão em torno da incompatibilidade entre a prática da mineração e o desenvolvimento da vida. Todo o discurso é elaborado através de uma leitura crítica do filme *Mineiros* (2019), da jovem cineasta belo-horizontina Amanda Dias, cujo roteiro percorre a região do Quadrilátero Ferrífero em busca de indícios do problema em questão. No texto, a mineração é avaliada como um fenômeno de dispersão. Além de impactos ambientais, as imagens referentes aos rompimentos de barragens em Mariana e Brumadinho, à tensão na Mina de Gongo Soco e à exploração na Serra do Curral sugerem a dissipação de vidas, de comunidades e da memória coletiva.

PALAVRAS-CHAVE

Imagem; Cinema; Mineração; Paisagem; Minas Gerais.

ABSTRACT

*Based on traumatic events caused by the mining industry in Minas Gerais, this article proposes a reflection around the incompatibility between the practice of mining and the development of life. The entire speech is elaborated through a critical reading of the film *Mineiros* (2019), by the young filmmaker from Belo Horizonte Amanda Dias, whose script travels through the Quadrilátero Ferrífero region in search of evidences of the problem in question. In the text, mining is assessed as a dispersion phenomenon. In addition to environmental impacts, the images referring to the rupture of dams in Mariana and Brumadinho, the tension in the Gongo Soco Mine and exploration in Serra do Curral suggest the dissipation of lives, communities and collective memory.*

KEYWORDS

Image; Cinema; Mining; Landscape; Minas Gerais.

Introdução

Quadrilátero Ferrífero é o nome dado a um grande depósito brasileiro de ferro, espalhado por uma extensão territorial de aproximadamente 7 mil quilômetros quadrados, no centro de Minas Gerais. Trata-se de uma província geológica de "importância mundial" no contexto da produção de minerais (CAXITO e DIAS, 2018, p. 14), destacando-se, na atualidade, como exportadora de minério de ferro de alto teor. A exploração mineral na região atravessa os séculos, remontando ao período colonial: historicamente, ela responde por cerca de 40% do ouro produzido no Brasil (LOBATO e COSTA, 2018, p. 4). A história de Minas Gerais é indissociável do desenvolvimento da indústria extrativista no Quadrilátero Ferrífero, seu núcleo minerário. A mineração é fator decisivo para a fundação da capitania, em 1720, e para a escolha de seu topônimo, que faz alusão à abundância de jazidas no território (JEBER e PROFETA, 2018, p. 3).

Dentro do recorte cartográfico em questão, dentre dezenas de municípios, Ouro Preto, Mariana, Barão de Cocais, Nova Lima, Itabira e Brumadinho são exemplos de como a atividade minerária molda as cidades e o destino de seus habitantes. A primeira capital do estado, a antiga Vila Rica (hoje Ouro Preto), é o epicentro do Ciclo do Ouro, entre os séculos XVII e XVIII. Em 1867, durante uma viagem prospectiva pela região, o intelectual inglês Richard Burton a qualifica como uma "aldeia de mineração, asfixiada e superdesenvolvida" (BURTON, 2001, p. 424). Na paisagem ouro-pretana, ele já vê impactos decorrentes da busca obsessiva pelo mineral: "Todo o panorama é montanhoso e 'aurífero', remexido e revirado pelo mineiro." (BURTON, 2001, p. 432). Desde aquela época, as operações parecem indiferentes ao meio ambiente: "Os morros eram perfurados de um lado para o outro sem o menor planejamento ou controle" (MACHADO e RUCHKYS, 2013, p. 124).

O destino final da excursão de Burton é a Mina de Morro Velho, na antiga freguesia de Nossa Senhora de Congonhas (hoje Nova Lima), onde os métodos de mineração são detalhadamente analisados pelo viajante. Para se ter ideia de sua relevância naquela época, Machado e Ruchkys destacam que "foi a mina mais profunda do mundo e a mais produtiva do Brasil, tornando-se um referencial para a história da mineração" (MACHADO e RUCHKYS, 2013, p. 130). Durante sua visita à jazida, além dos estudos técnicos, Burton faz uma constatação valiosa para se entender o viés problemático da mineração no país. Ao se deparar com focos de miséria, o autor entende que o quadro tem forte propensão à crise, sendo a mentalidade colonialista, implementada por seus exploradores conterrâneos em Morro Velho, "uma verdade melancólica" (BURTON, 2001, p. 271).

Mesmo com o declínio da produção de ouro, no século XVIII, Minas Gerais ainda se mantém como polo minerador, atraindo, depois da independência brasileira, investimentos estrangeiros, sobretudo, de capital vindo da Inglaterra (MACHADO e RUCHKYS, 2013, p. 125). Na antiga São João do Presídio do Morro Grande (hoje Barão de Cocais), onde a Mina de Gongo Soco é controlada pela *Imperial Brazilian Mining Assosiation*, Burton encontra "uma aldeia inglesa nos trópicos" (BURTON, 2001, p. 258). Nas primeiras décadas do século XIX, durante seu auge, a mina chega a produzir, em um único dia, 50 quilos de ouro; já na década de 1850, encontra-se em crise, afetada pelo que o autor chama de "o verdadeiro axioma do

mineiro": "É melhor um padrão inferior e uma produção elevada, do que um padrão elevado e uma baixa produção." (BURTON, 2001, p. 259). Sob essa trama, a mina é inundada naquele período, tendo a matriz solapada em suas bases e o consequente afogamento dos trabalhadores (BURTON, 2001, p. 260).

No fim do século XIX, o "apelo capitalista por minerais industriais" garante uma nova era de exploração no Quadrilátero Ferrífero, que assume, "mais uma vez, o centro das atenções, desta feita, o manganês e o ferro" (MACHADO e RUCHKYS, 2013, p. 125). Em 1942, nesse contexto, nasce a Companhia Vale do Rio Doce (hoje Vale), em Itabira, a mesma terra natal de Carlos Drummond de Andrade. O avanço tecnológico e a alta demanda industrial impulsionam o avanço da máquina mineradora sobre as formas de relevo, liquidando, inclusive, a paisagem afetiva do poeta itabirano. Sua serra – o Pico do Cauê, marco paisagístico da cidade –, é "Britada em milhões de lascas" até sumir do horizonte, "entupindo 150 vagões/ no trem-monstro de 5 locomotivas", como relata o poema *A Montanha Pulverizada*, de 1973 (ANDRADE, 2015, p. 565).

Neste século, a mineração continua sendo conduzida de modo estritamente quantitativo, em um sistema onde o regulamento do mercado é prioridade sobre o desenvolvimento humano. Nos últimos anos, a sucessão de casos de rompimento de barragens de rejeitos de mineração em Mariana e Brumadinho deixa poucas dúvidas em relação a esse enunciado. Além da destruição de vidas, a exaustão do patrimônio histórico e da topografia – elementos cujos valores simbólicos são tão importantes para o povo mineiro –, sinalizam a urgência do debate em torno do problema. Nesse sentido, proposições artísticas específicas têm cumprido um papel discursivo potente, apresentando-se como meios de sensibilização e projeção de outros futuros possíveis.

***Mineiros*: uma viagem pelo Quadrilátero Ferrífero**

Mineiros é o primeiro trabalho autoral dirigido pela jovem cineasta belo-horizontina Amanda Dias, estreado em 16 de dezembro de 2019, no Cine Humberto Mauro, em Belo Horizonte, junto a outros curtas-metragens locais, produzidos no mesmo ano. O filme de 23'17" tem caráter documental, embora apresente um desencadeamento não cronológico e espontâneo de situações reais, com uma edição que o aproxima do universo da vídeo-arte. O movimento é escasso nas imagens, que se desenrolam em ritmo lento, criando uma atmosfera monótona e silenciosa. A direção soturna tomada é coerente com a formulação poética, que se dá a partir de experiências particulares de uma sociedade enraizada em um terreno controlado pela mineração.

Antes de compartilhar registros correspondentes aos três eventos traumáticos mais recentes da história do Quadrilátero Ferrífero, a autora dedica o primeiro minuto de seu documentário à Serra do Curral, formação geológica que contorna boa parte de Belo Horizonte. Aparentemente, sua forma de parede marca o fim da paisagem urbana e o começo da área verde, como uma espécie de limiar entre cidade e natureza. Com a lente

apontada para o horizonte de edifícios, um *drone* cruza a crista do maciço para filmar sua face oculta, que os moradores da capital e visitantes nunca veem. Contrariando a expectativa de encontro com a paisagem natural, a câmera revela a transformação das costas da serra em um terreno industrial, decorrente da mineração.

Na imagem, a superfície inclinada aparece ocupada por uma estranha teia de canaletas, que se ramificam como veias de concreto (Figura 1). Trata-se de uma estrutura de drenagem, instalada pela Vale, que age na estabilização geotécnica do maciço, ameaçado pela extração mineral de seu corpo. Ao se abrir, o quadro mostra, ainda, uma parte da encosta escavada e erodida, com suas entranhas à vista. Neste ponto da Serra do Curral, está a Mina de Águas Claras, produtora de minério entre 1973 e 2002. Pouco se discute sobre o extrativismo no local, feito também na Mina do Corumi, em um ponto mais ao Leste. Com as atividades suspensas desde 2018 pelo poder público, devido ao avanço sobre área tombada, a mineradora Empabra retira ferro do verso de um dos principais cartões postais de Belo Horizonte desde a década de 1960.



Figura 1. Amanda Dias, Mineiros, 2019. Vídeo, 23'17".

Para a construção da cidade, no final do século XIX, a Serra do Curral ganha a nobre função de marco paisagístico no projeto de Aarão Reis, que desenha o tecido urbano aos pés do grande corpo mineral. Mais do que importante área verde, a serra desempenha um papel simbólico na forte relação identitária que os mineiros estabelecem com as montanhas. Por isso, a revelação de seu dorso, no filme, parece acusar uma fragmentação dupla do maciço. Ao despedaçar a estrutura geológica, incitando a separação entre um grupo e sua própria identidade, a máquina mineradora ataca tanto a natureza quanto a memória coletiva dos belo-horizontinos.

A decisão inicial da diretora expõe uma armação paradoxal: a encosta voltada para a cidade, razoavelmente preservada, traz beleza e suavidade à paisagem, mas de um jeito dissimulado, visto que as costas do maciço tem seu aspecto natural descaracterizado pelas cicatrizes irreversíveis da mineração, como um corpo recém operado, cheio de costuras e feridas abertas. Assim é introduzido um clima de gravidade, radicalizado ao longo da viagem proposta por *Mineiros*, cuja rota alcança novos pontos críticos do Quadrilátero Ferrífero.

O tom melancólico do discurso é efetivado no arranjo dos próximos dois minutos, quando tomadas de sepulturas e sítios minerados são intercaladas. A maioria dos túmulos registrados são identificados exclusivamente por meio de números, os mesmos utilizados em faixadas de casas e portas de apartamentos (Figura 2). Alguns dispõem de uma placa com informações a respeito do nome e das datas de nascimento e falecimento da pessoa enterrada, como o da jovem Camila Aparecida da Fonseca Silva, nascida em 21 de junho de 2002, acompanhado pela frase "Eternas saudades de seus familiares". Eles apresentam, em comum, a inscrição "† 25/01/2019", confirmando a suspeita de que o cemitério acolhe despojos mortais de vítimas da catástrofe de Brumadinho.



Figura 2. Amanda Dias, *Mineiros*, 2019. Vídeo, 23'17".

Naquele dia, o colapso da barragem de rejeitos da Mina do Feijão, operada pela Vale, produz uma enxurrada letal de material lamacento. Como um fenômeno de dissipação, a correnteza se espalha rapidamente pelo complexo minerário e seus arredores, tirando a vida de 259 pessoas, fora outras 11 desaparecidas. A partir da filmagem do rompimento, Lucas Ragazzi e Murilo Rocha, autores do livro-reportagem *Brumadinho: a engenharia de um crime*, descrevem a agressividade do rompimento: "A terra desaparece, abrindo uma gigantesca cova retangular, (...). Há uma mecânica na tragédia. A paisagem sucumbe de maneira

autofágica, frame a frame." (RAGAZZI e ROCHA, 2019, p. 16). Desestabilizado pela contenção de rejeitos de mineração, o terreno se torna potencialmente autodestrutivo, engolindo tudo à sua volta.

A partir da análise de uma série de documentos, os repórteres acusam a índole criminosa da Vale. Dentre eles, existe uma prova de que, onze meses antes da ocorrência, a companhia já possui um mapeamento da mancha de inundação para uma possível ruptura da Barragem I, abrangendo instalações movimentadas, como o refeitório (RAGAZZI e ROCHA, 2019, p. 124). Desde o final de 2017, aliás, a Vale conhece o estado de saúde emergencial do dique da Mina do Feijão: em um painel sobre gestão de segurança e risco de barragens, promovido pela própria empresa, é apresentada o fator de segurança da estrutura, medido bem abaixo do índice considerado o mínimo recomendável pela literatura mundial de Geotecnia (RAGAZZI e ROCHA, 2019, p. 75).

A negligência da Vale, quando somada aos números envolvidos no desastre, torna o cenário ainda mais ilusoriamente surreal. Para se ter ideia, a barragem destruída, do tipo alteamento a montante – método mais barato e menos seguro –, tem "uma altura final de 86 m, o equivalente a um prédio de 29 andares, e um comprimento de 720 m (sete campos de futebol emendados)" (RAGAZZI e ROCHA, 2019, p. 23). Até o dia da ruptura, seu conteúdo é de 11,7 milhões de metros cúbicos de resíduos (RAGAZZI e ROCHA, 2019, p. 24). Construído em 1976, o reservatório é usado pelas minas do Feijão e de Jangada até 2016, quando se transforma "numa espécie de lixão inativo" (RAGAZZI e ROCHA, 2019, p. 23). Ambas as jazidas integram o Complexo Paraopeba, junto a outras três minas da Vale, cuja produção de minério de ferro atinge 27,3 milhões de toneladas em 2018, apenas 7% do total produzido pela companhia no ano (RAGAZZI e ROCHA, 2019, p. 23).

As quantidades e medidas envolvidas em todo o processo parecem um tanto desproporcionais à escala humana. Ironicamente, é o indivíduo quem está por trás da regulação do terreno, da operação das máquinas e da projeção dos lucros. Sua capacidade, no entanto, é posta em xeque quando esse sistema entra em colapso, desperdiçando centenas de vidas.

Em *Mineiros*, dentre as imagens do cemitério de Brumadinho, há um encadeamento de sete lápides anônimas, filmadas uma por uma, numeradas em ordem crescente: 64 - 65 - 66 - 67 - 68 - 69 - 70. Subitamente, a sequência de túmulos é quebrada pelo surgimento de uma grande cava de mineração, como se o vídeo disparasse uma contagem regressiva para a chegada do terreno arruinado (Figura 3). Ao propor esse paralelo entre as duas formas de buraco no solo – um tipo de jogo com as ideias de cova e cava –, Amanda Dias projeta uma luz sobre a incompatibilidade entre a vida e a máquina mineradora. Na continuação, a estratégia de montagem se repete: tomadas de mais dois conjuntos de sepulturas – 92 - 93 - 94 e 101 - 103 - 105 – terminam, respectivamente, com registros de caminhões de minério em movimento na paisagem e de um talude recortado em degraus.



Figura 3. Amanda Dias, Mineiros, 2019. Vídeo, 23'17".

Dando continuidade ao tema da morte, os enquadramentos seguintes correspondem ao Rio Paraopeba, gravemente agredido pela lama da Barragem I. A narrativa em desenvolvimento começa a resgatar uma concepção de natureza contrária à da indústria extrativista, atribuindo uma condição de corpo vivo ao curso d'água. Para Ailton Krenak, indígena e militante socioambiental, a mercantilização de elementos naturais – prática substancial da mineração – é sinal de que "a humanidade vai sendo descolada desse grande organismo que é a terra" (KRENAK, 2019, p. 21). A contaminação do Paraopeba seria, portanto, sintoma do que Krenak considera a retirada de qualidades subjetivas da natureza, que tende a acabar com todas as montanhas e rios do planeta, convertendo-os em depósitos de escória industrial (KRENAK, 2019, p. 49).

Como se fosse levado pelo fluxo do rio, que atravessa Brumadinho, o roteiro atinge uma zona mais central da cidade. Nas muretas grafitadas de uma ponte sobre suas águas, surgem manifestações de seus habitantes. Como tentativa de alento a um povo abatido pelas centenas de mortes, incluindo a do rio, um dos grafites traz a mensagem "FORÇA BRUMADINHO". "Todos têm um parente ou conhecem alguém morto no desastre. Ninguém parece ter escapado ileso do cortejo fúnebre imposto pelos milhões de metros cúbicos de lama." (RAGAZZI e ROCHA, 2019, p. 60). Daqui em diante, o documentário passa a recriar justamente esta ambiguidade, dada pelo sentimento de esperança em um lugar assolado por um surto de sofrimento.

As imagens seguem em direção à área diretamente afetada, entrando numa dimensão mais intimista da tragédia. Neste ponto, o espectador é levado para dentro de uma casa aparentemente abandonada em função do problema na Mina do Feijão. No lado de fora, uma faixa grossa de terra seca sobre o chão da varanda, objetos respingados de barro e estilhaços de alvenaria sugerem a passagem da corrente de rejeitos. No interior da residência, outrora aconchegante, os móveis e utensílios da cozinha estão desorganizados e empoeirados, como se a casa tivesse sido deixada por seus moradores há meses, durante uma situação de emergência (Figura 4).



Figura 4. Amanda Dias, Mineiros, 2019. Vídeo, 23'17".

Expostas à aceleração dos dias, as coisas largadas para trás acumulam uma camada fina de poeira. Embora sejam identificáveis como manufaturas do presente, essa sobreposição do tempo modifica o aspecto dos objetos, como se pertencessem a um passado remoto. Assim, uma sensação de anacronismo é ativada, como se o incidente houvesse corrompido a própria noção temporal. O vazio fantasmagórico da casa, em estado de abandono, alimenta o viés discursivo crucial do filme: a ambição minerária é incoerente com desenvolvimento da vida.

O som angustiante de uma sirene, acionada durante situações de urgência em minerações, marca a transição da câmera, que deixa Brumadinho para documentar o que resta de Bento Rodrigues. No dia 5 de novembro de 2015, o colapso da Barragem de Fundão, na Mina de Germano, em Mariana, despeja um volume ainda maior de resíduos sobre a região, arrasando o distrito histórico, visitado pela cineasta quatro anos mais tarde. Ao sobrevoar o local, o bombeiro militar Leonard Farah é testemunha do cenário caótico: "Não dava para ver nada direito, era tudo marrom, tudo cor de lama. Carros, cavalos, casas – tudo pintado de lama." (FARAH, 2019. p. 68).

"O desastre, considerado do ponto de vista ambiental ainda hoje o maior da história do país e um dos maiores do planeta" (RAGAZZI e ROCHA, 2019. p. 43), reduz todas as construções de Bento Rodrigues a ruínas. O evento, causado pela mineradora Samarco, provoca a dispersão de todo o povoado, tirando a vida de 19 pessoas. Apesar da quantidade de vítimas fatais consideravelmente inferior ao caso de 2019, os registros disponíveis em *Mineiros* retratam um impacto mais radical no espaço, focalizando os esqueletos das casas e da escola municipal (Figura 5). Essas estruturas permanecem como despojos mortais do lugar, como se Bento Rodrigues tivesse sido friamente assassinada e abandonada no tempo.



Figura 5. Amanda Dias, Mineiros, 2019. Vídeo, 23'17".

Apesar dos danos imensuráveis deixados no ecossistema, incluindo a morte do Rio Doce, a questão ambiental interessa menos ao filme, cujo enquadramento geral da destruição traz um outro problema à tona. A evasão e o desmoronamento do vilarejo confere uma impessoalidade ao meio, onde as memórias coletivas e individuais são apagadas. No âmbito comunitário, o patrimônio histórico desaparece sob a lama, representado pela capelinha de São Bento. Erguida no século XVIII, ela é um dos seus bens culturais mais antigos e símbolo do arraial. Na esfera pessoal, o caso do menino Thiago, uma das vítimas fatais, é um exemplo de como a história de cada indivíduo é ameaçada. Antes de localizar o corpo, o bombeiro acha a bicicleta e o troféu de futebol da criança de sete anos, que são entregues ao pai. Farah relata: "Eu percebi que ele olhava com orgulho para aquele troféu, que não seria mais carregado por um garoto cheio de sonhos." (FARAH, 2019, p. 172). Através da aridez das imagens, fica a impressão de que a enxurrada de rejeitos leva embora a alma de Bento Rodrigues, convertendo-o em um deserto estéril.

Conservando a sutileza que permeia todo o seu trabalho, Amanda Dias consegue localizar pequenos brilhos de confiança nesse panorama desolador, sem desenterrá-los completamente. Neste ponto, apesar da ausência absoluta de movimento humano, a câmera encontra uma égua com seu potrinho, que se alimentam tranquilamente da vegetação que renasce da terra (Figura 6). A presença dos animais, como rastros discretos de vida, induz um exercício reconstrutivo do vilarejo na imaginação, trazendo de volta seu povo. Uma outra projeção de futuro é possível enquanto os destroços da Escola Municipal Bento Rodrigues são filmados. Uma das tomadas mostra uma parede resoluta à força da lama, onde se mantém preso o quadro branco da antiga sala de aula (Figura 7). A superfície vazia da lousa parece oferecida à reescrita da história do povoado, que pode ser articulada a um processo de educação de crianças e jovens baseado no cultivo de valores humanos e socioambientais.



Figura 6. Amanda Dias, Mineiros, 2019. Vídeo, 23'17".



Figura 7. Amanda Dias, Mineiros, 2019. Vídeo, 23'17".

O trajeto de *Mineiros* pelo Quadrilátero Ferrífero é encerrado em Barão de Cocais e nas imediações do município, onde outras comunidades são diretamente desfavorecidas pela mineração. Em 8 de fevereiro de 2019, pouco depois do revés em Brumadinho, a Vale determina que cerca de 400 moradores das comunidades de Piteiras, Socorro, Tabuleiro e Vila do Gongo se retirem de suas casas. A evacuação é justificada por um problema vindo da Mina de Gongo Soco, onde um talude trincado sofre um deslizamento para dentro da estrutura. Eventualmente, a movimentação dessa parede pode ser sentida pela barragem de rejeitos do complexo minerário, repetindo os episódios das minas do Feijão e de Germano.

No filme, esse deslocamento no mapa é definido por uma mudança visual drástica entre duas paisagens. Uma tomada mais aberta de Bento Rodrigues arruinada é sucedida por um recorte urbano em estado de conservação inverso, com suas construções inteiras e uma rua asfaltada. As próximas imagens, com residências marcadas pela Defesa Civil com a inscrição "Casa em área de risco", confirmam a chegada a Barão de Cocais, indicando, ainda, que o bairro é vulnerável aos estragos de um eventual colapso da Barragem Sul Superior. No áudio, o canto das aves, o latido de um cão, o ronco do motor de um veículo e o som de um fluxo d'água são rastros de vidas em perigo.

Como se procurasse entender a essência de um distúrbio que confronta o clima ameno desse lugar, típico do interior de Minas Gerais, Amanda Dias lança uma série de registros caracterizados por uma dissonância entre a suavidade da paisagem e a hostilidade da exploração. Neste momento, o movimento da cineasta parece errante, capturando imagens variadas de zonas minerárias e industriais, com destaque para uma grande barragem de resíduos e uma fábrica em plena atividade. Sobretudo, cavas, taludes e pilhas de estéril aparecem em meio a áreas verdes e montanhosas ou como plano de fundo de cidades, como novos elementos da geografia física do estado (Figura 8). Contornada pela beleza da paisagem, a vida parece se desenvolver normalmente em vários municípios e lugarejos do Quadrilátero Ferrífero. Paradoxalmente, é deste horizonte montanhoso, perseguido pela câmera, que irrompem os riscos de um sistema com forte propensão à instabilidade.

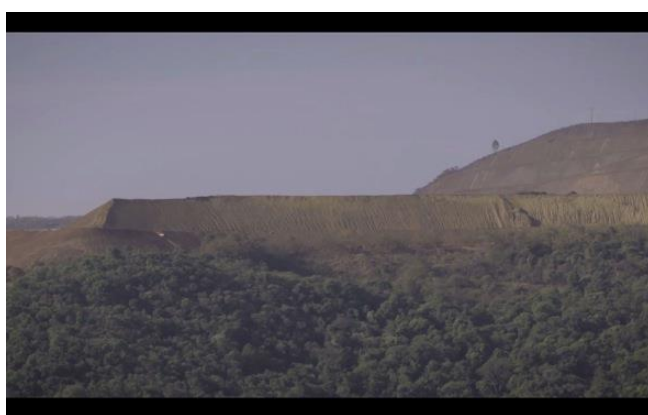


Figura 8. Amanda Dias, Mineiros, 2019. Vídeo, 23'17".



Figura 9. Amanda Dias, Mineiros, 2019. Vídeo, 23'17".

O medo das comunidades, já pronunciado em planos de cenários urbanos quase desabitados, é efetivamente representado pelo pedido de socorro dos ribeirinhos da região, expresso por meio de uma série de faixas espalhadas pelo centro de Barão de Cocais. Pintadas à mão, essas mensagens cobram a proteção por parte do poder judiciário: "NOSSO GRITO PRECISA SER OUVIDO PELA JUSTIÇA". A apreensão gerada pelas diversas tomadas de

ruas sinalizadas com placas "ROTA DE FUGA" constituem de vez o regime de insegurança instaurado nos arredores da Mina de Gongo Soco (Figura 9).

Nos minutos finais do vídeo, o silêncio predominante é cortado pela voz de Amarair Paulo de Moraes, morador de Socorro. Obrigado a largar sua residência e tudo que ela guarda, o homem relata o drama vivido pela comunidade depois do chamado urgente da Vale. Debaixo de um céu nublado e triste, ele lamenta a demora pela estabilização geotécnica na mineração vizinha, que se estica até hoje, mantendo-o afastado de sua casa, seus pertences e sua vida em coletivo. A tensão em Gongo Soco paralisa uma dinâmica mantida há anos por um grupo unido e acostumado a festejar suas datas importantes. O imprevisto, anunciado pela sirene durante a fatídica madrugada de fevereiro de 2019, força um afastamento, distanciando pessoas tanto do convívio social quanto do local onde elas constroem seus laços afetivos.



Figura 10. Amanda Dias, Mineiros, 2019. Vídeo, 23'17".

Apesar do clima melancólico, o sonho de retorno a Socorro permanece vivo na fala de Amarair Paulo de Moraes. Consciente da ganância corporativa sobre a terra em questão, envolvida em um suposto projeto de ampliação da faixa de extração de minério de ferro, o depoimento é outro lampejo no meio da escuridão vasculhada em *Mineiros*. A imagem derradeira, coletada na Mina de Serrinha, em Brumadinho, é exibida como provável metáfora desse elo real firmado entre os indivíduos e o lugar (Figura 10). De maneira improvável, um pinheiro solitário nasce e sobrevive no meio de uma baía de rejeitos abandonada.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião: 23 livros de poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BURTON, Richard. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*; tradução de David Jardim Júnior. Brasília: Senado Federal, 2015.

CAXITO, Fabrício e DIAS, Tatiana Gonçalves. Recursos Minerais de Minas Gerais – Ferro. Recursos Minerais de Minas Gerais *On Line*: síntese do conhecimento sobre as riquezas minerais, história geológica, e meio ambiente e mineração de Minas Gerais / Pedrosa-Soares, Antônio Carlos; Voll, Eliane; Cunha, Edson Campos (coordenadores). Belo Horizonte: Companhia de Desenvolvimento de Minas Gerais (CODEMGE), 2018. Disponível em: <http://recursomineralmg.codemge.com.br/>. Acesso em: 19 mar. 2020.

FARAH, Leonard. *Além da lama: o emocionante relato do capitão dos Bombeiros que atuou nas primeiras horas da tragédia em Mariana*. São Paulo: Vestígio, 2019.

JEBER, Adriana e PROFETA, André Luiz. Recursos Minerais de Minas Gerais – Meio Ambiente e Mineração. Recursos Minerais de Minas Gerais *On Line*: síntese do conhecimento sobre as riquezas minerais, história geológica, e meio ambiente e mineração de Minas Gerais / Pedrosa-Soares, Antônio Carlos; Voll, Eliane; Cunha, Edson Campos (coordenadores). Belo Horizonte: Companhia de Desenvolvimento de Minas Gerais (CODEMGE), 2018. Disponível em: <http://recursomineralmg.codemge.com.br/>. Acesso em: 19 mar. 2020.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

LOBATO, Lydia Marias e COSTA, Marco Aurélio da. Recursos Minerais de Minas Gerais – Ouro. Recursos Minerais de Minas Gerais *On Line*: síntese do conhecimento sobre as riquezas minerais, história geológica, e meio ambiente e mineração de Minas Gerais / Pedrosa-Soares, Antônio Carlos; Voll, Eliane; Cunha, Edson Campos (coordenadores). Belo Horizonte: Companhia de Desenvolvimento de Minas Gerais (CODEMGE), 2018. Disponível em: <http://recursomineralmg.codemge.com.br/>. Acesso em: 19 mar. 2020.

MACHADO, Maria Márcia Magela e RUCHKYS, Úrsula Azevedo. Patrimônio geológico e mineiro no Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais – Caracterização e iniciativas de uso para educação e geoturismo. **Boletim Paranaense de Geociências**, Curitiba, v. 70, p. 120-136, dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/geociencias/article/view/31541>. Acesso em: 25 mar. 2020.

RAGAZZI, Lucas e ROCHA, Murilo. *Brumadinho: a engenharia de um crime*. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

José Márcio de Oliveira Lara

Artista visual e pesquisador. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG. Contato: larajosemarcio@gmail.com.